"Sem fazer nada, os homens fazem mal": leituras e leitores de Catão na Roma Antiga

"By doing nothing, men learn to do poorly": reading and readers of Cato in Ancient Rome

Marcos Luis Ehrhardt[*]
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Resumo

Leitores de obras não são apenas herdeiros silenciosos, mas participantes críticos. A julgar pela quantidade de vezes que aparece nos textos antigos, em diversos autores de diferentes vinculações políticas, filosóficas e educacionais, percebemos que o nome de Catão, é recorrência constante e duradoura. Este trabalho objetiva perceber como ele é representado, lido e relido por diferentes autores como Sêneca, Lucano e Pérsio, sendo apontado inclusive como modelo de cidadão ideal na Roma Antiga.

Palavras-chave: Catão; Roma Antiga; Homem Público.

Abstract

Readers works are not only silent inheritors, but critic participants. Considering how many times it appears in ancient texts, in various authors of different political, philosophical and educational affiliations, it is possible to notice that the name of Cato is frequent and longstanding. This paper aims to notice how he is represented, read and reread by different authors, like Seneca, Lucano and Persius, pointed out, inclusive, as a model of ideal citizen in Ancient Rome.

Keywords: Cato; Ancient Rome; Public man.

- **Enviado em: 03/11/2014**
- **Aprovado em: 12/12/2014**

[*] Professor Adjunto D do Colegiado do Curso de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste – campus de Marechal Cândido Rondon/Pr.

Um texto clássico é, sempre, intertexto. Um tecido pontilhado de alusões ao mito, aos poetas "antigos", a uma história comum ao escritor e ao leitor.

Joaquim Brasil Fontes.

Introdução e Metodologia de Análise

Quando nos debruçamos sobre a literatura política e moral da sociedade greco-latina, é imperioso constatar a relação existente, em quase todas as épocas da Antiguidade, entre o governo e os pensadores, e mais especificamente ao que nos interessa, entre o governo imperial romano e os filósofos e/ou moralistas. Para exemplificar essas relações em diferentes épocas e lugares, há farta literatura que demonstra esse estreito diálogo entre saber e poder. O que nos interessa diretamente neste momento é entender a produção intelectual e/ou educacional de autores que viveram ou elegeram o primeiro século da era cristã. São inúmeras as referências a homens considerados modelares aos propósitos dos autores. Alguns nomes ganham um significativo destaque pela importância dada e pela recorrência aos mesmos. Vou me deter em dois deles: primeiramente Catão, o antigo ou o censor (235 – 149 a.C.), descendente de família obscura de Túsculo, que combateu contra Aníbal, foi cônsul em 195 e censor em 185. E além deste seu homónimo Catão, o Jovem ou Catão de Útica, bisneto de Catão o censor. Adversário de Caio Julio César durante a sua trajetória política, acabou participando do grupo liderado por Pompeu Magno na guerra civil contra os cesarianos (49 a.C./45 a.C.). Depois da derrota das forças de Pompeu na batalha da Pharsalia (48 a.C.), o jovem Catão retirou-se para a África e, ao saber que os partidários de Pompeu tinham sido vencidos na batalha de Tapso (46 a.C.), suicidou-se em Útica. Sua morte ficou célebre. Apesar de vencido Catão, o Jovem apareceu, na ótica de Salústio, como uma espécie de "campeão moral" do mundo republicano romano.

Porque o nome de Catão é tão citado e alardeado nos autores tanto do período republicano quanto do período imperial? Uma primeira constatação é a de que aquele aparece como um exemplo, uma verdadeira personificação da austeridade, patriotismo e moralidade que definiriam os traços dominantes do homem público romano. Assim percebemos uma identificação, uma convergência de interesses para dois nomes que se transformaram em um verdadeiro paradigma.

O tema da relação entre pensadores/autores com o poder sempre me interessou. A necessidade de atrelar tema/corpus documental e teoria me aproximou da História Intelectual. Gostaria de propor uma leitura que se inspira no conceito de geração. O conceito

de geração nos permite problematizar a ideia de legado e de transmissão. Também comporta as noções de mudança e de ruptura, e a possibilidade de perceber as continuidades e descontinuidades de pensamento. Porém só se torna válido quando estabelece um sistema de referências aceitas por um grupo, quer seja, o de identificação coletiva.[1]

No que tange aos intelectuais ou pensadores, a ideia de herança é basilar. Os processos de transmissões culturais são fundamentais. Quer haja ruptura, quer não haja, o período anterior é quase sempre referência direta ou indiretamente. Pensamos aqui na ideia de Tradição, porém não devemos confundir com noções de conservação ou continuidade de valores imutáveis. O que se deve buscar são os atos de "ressignificação do texto". É preciso desconstruir a ideia e/ou prática que considera a palavra anunciada ou o texto como uma posição de verdade absoluta.

É imperioso constatar ainda o cuidado ao se utilizar de epistemologias modernas para o mundo antigo. Penso que o conceito de geração intelectual lançado aos autores antigos é válido e podemos utilizá-lo sem o tratarmos como um conceito fechado, classificador, pois como diz Paul Veyne, "todo conceito classificador é falso porque nenhum acontecimento se parece com outro e que a História não é a constante repetição dos mesmos fatos"[2].

Lidamos com os chamados "textos clássicos", mas que não se amarram em um repertório fixo, aprovado para sempre[3]. Assim, a utilização do conceito de geração intelectual nos auxilia para entendermos a presença de um nome, Catão, em um grupo de autores que criaram em um determinado período, uma identificação de grupo com objetivos convergentes.

Para os Catões e para nossa perspectiva de análise consideramos também dois aspectos: a perspectiva sincrônica que nos permite entender o contexto intelectual (relação do sujeito biografado e seus engajamentos, escolhas, silêncios, entre outros) e a leitura diacrônica, quer seja, leituras em diversas épocas para entender as influências, permanências, contradições, enfim a fortuna crítica de um determinado nome[4].

Podemos também pensar a partir de uma perspectiva que considere a prosopografia como método de análise. Como nos ensina Fátima Fernandes,

> a prosopografia foi inicialmente utilizada para apresentar e destacar indivíduos ilustres formadores de uma consciência moral, com a tarefa de

1 Para tanto ver SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos de História Intelectual*. Entre questionamentos e perspectivas. São Paulo: Papirus, 2002.
2 VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Lisboa: Edições 70, 1983.
3 Conforme LACERDA, Sonia; KIRSCHNER, Tereza. Tradição Intelectual e espaços historiográficos ou porque dar atenção aos textos clássicos. In: *Textos de História*. Brasília, v. 5, n. 2, 1997.
4 Para um aprofundamento desta discussão destacamos a obra de SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos de História Intelectual*. Entre questionamentos e perspectivas. São Paulo, Papirus, 2002.

> orientar os jovens em relação aos valores autorizados e reconhecidos em sua época, ou seja, como uma proposta de formação edificante que aparece nas obras onde o termo é aplicado.[5]

Ambos os Catões foram influenciados pelo estoicismo e suas ações mostram-nos indivíduos que se apresentavam como participantes efetivos nas instituições de poder e que colocavam seus conhecimentos ao serviço da *res publica* para referendar ou criticar determinados aspectos da sociedade na qual viviam e transitavam. Eram homens de letras e, em muitos casos, ocupantes de cargos públicos. Como diz Paul Veyne,

> (...) não são homens como os outros: tudo que diz é público e merece crédito; eles julgam os atos públicos e privados de seus pares. (...) E essa autoridade recaía sobre a moral privada como sobre a vida pública. (...) Sendo historiador, dirá o que se deve pensar do passado romano, para ilustrar as verdades políticas, morais e patrióticas de que o Senado era o conservatório ou a academia. (...) Sendo filósofo, terá o direito de dizer como se aplica a filosofia à política, para encontrar nos livros de sabedoria os velhos princípios de Roma, dos quais são guardiões[6]

Uma questão importante se impõe: O que os autores almejavam transmitir à posteridade a partir dos seus escritos? Entendemos que aqueles podiam contemplar tanto as formas de pensamento em vigor quanto às informações sobre um mundo em constante transformação. Temas que nos fazem refletir e que nos levam a uma segunda pergunta: os autores romanos do primeiro século da era cristã percebiam e aceitavam a ideia de que a sociedade romana passava por um momento de transformação? Penso que percebem, mas não aceitam, condenam e apresentam outros caminhos.

O homem público romano deste período se sofistica. Propositadamente cria uma "cultura de ostentação" com banquetes e grandes festas. Alguns autores chamam isso de "luxo asiático" (novos produtos, novos hábitos, novas necessidades). Convém recordar uma passagem de Juvenal no livro I, sátira 16 quando aponta a sofisticação do paladar como uma característica do Império Romano. À medida que cresce espacialmente, mais complexa e mais sofisticada se torna a sociedade romana. Há uma diversificação dos gostos. A simplicidade está em segundo plano e se reflete na vida cotidiana[7].

---

5 FERNANDES, Fátima Regina. A metodologia prosopográfica aplicada às fontes medievais: reflexões estruturais. In: *História da historiografia*. Ouro Preto: abril, n. 8, 2012, p. 12.

6 VEYNE, Paul. Censuras e Utopias. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da Vida Privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 173.

7 Referência importante para esta reflexão é o trabalha da historiadora chilena CUBILLOS POBLETE, Marcela. El otro poder. Vida cotidiana y control social en Roma. In: *Instituições, Poderes e Jurisdições. I Seminário Argentina, Brasil, Chile de História Antiga e Medieval*. Curitiba: Juruá, 2007.

Mas também devemos sempre considerar que o "discurso decadentista" é tradicional da literatura romana, uma tônica constante tanto dos autores republicanos quanto dos autores imperiais. Todos os autores dialogam com esta tradição. Assim, Catão, para os autores que pretendemos analisar é resignificado com interesses de cunho moral e político. Para Carlos Galvão,

> (...) qualquer interpretação do Principado que o defina como um sistema de imposições que se abatem sobre uma aristocracia submissa não se sustenta a partir da leitura das fontes. Para fins de análise, portanto, é preferível ver o regime político inaugurado por Augusto e perpetuado pelos seus sucessores não como um sistema fixo e engessado, mas como uma situação social, resultado, ao mesmo tempo, de um rearranjo das forças políticas em um determinado contexto histórico e da organização de um conjunto instável e dinâmico de restrições dos espaços de atuação tanto dos súditos mais privilegiados do regime como do príncipe[8].

Constatamos que autores do pensamento político, ou a ele vinculados, tencionam a intervenção. Mesmo o pensador que opta pelo *otium* escolhe, muitas vezes, um leitor ideal, parceiro que dará vida as suas páginas. É fundamental pensar: a quem os autores se dirigem, para evitar um enquadramento do texto e talvez realizar apenas uma contextualização de boa qualidade.

Para o contexto do Principado, e por uma clara influência da filosofia estoica, há uma estreita aliança entre o pensamento filosófico e o pensamento político. Por esse motivo, devemos considerar a vida pública e a vida privada como interdependentes. Se a última é má e corrupta, a primeira não pode alcançar o seu fim. Por isso, visualizamos nas fontes esta dupla preocupação. Para os estoicos não existia quebra de continuidade entre a esfera individual e política. Dessa forma a realidade cotidiana, que envolvia os ambientes público e privado, constituía-se como uma grande *res publica*. Assim afirmou Sêneca na epístola 94 ao referir-se a função da filosofia estoica no mundo romano: "...Como se fosse possível alguém ministrar preceitos sobre uma questão particular sem ter em vista toda a complexidade da vida humana".[9]

Catão e os Autores do Principado Neroniano

Um rápido apanhado na literatura clássica romana demonstra a presença constante e recorrente ao nome dos Catões. Cícero utiliza-se amplamente de Catão, o censor para

8 GALVÃO, Carlos. Autocracia, Ressentimento e Engajamento Político no Principado Romano. In: *Memória e (RE) Sentimento*. BRESCINANI, S.; NAXARA, M. (Orgs.). São Paulo: Editora da Unicamp, 2004, p. 320.

9 SENECA, Lucius Anneus. *Ad Lucilium epistulae morales*. Transl. Richard Gummere. London: Harvard University Press, 1989, p 234.

demonstrar a importância da formação sólida dos homens das letras pelo seu exemplo. Plutarco, ao aproximar-se do ideal da educação e da *humanitas* do povo romano, inclina-se para Catão, o antigo. Em Plínio, o jovem, Catão torna-se um adjetivo. Contrariamos Marco Aurélio, nas suas Meditações, no Livro IV, 33 que diz que o tempo tudo apaga e também apagará Catão. Ao considerar sua influência e permanência, parece que o principe filósofo equivocou-se em sua assertiva.

Temos que ter clareza que cada época e cada autor apresentam os nomes dos Catões de diferentes maneiras para diferentes propósitos. Para os nossos escolhemos um grupo de autores que, em nossa opinião, apresentam propósitos convergentes ao se utilizarem dos dois Catões para dialogar. A seguir, apresentaremos alguns exemplos de autores de uma mesma geração intelectual que se utilizam dos Catões para construir seus argumentos acerca do modelo ideal, prioritariamente, de homem romano. Lucano e Pérsio estão voltados de forma bastante clara para Catão, o jovem e, por fim, Sêneca, inclinado aos dois Catões, dependendo dos seus objetivos no texto.

***Lucano* – 39 – 65 d. C.**

Lucano (*Marco Aneu Lucano*) era natural de Córdoba, sobrinho de Sêneca, viveu sob o principado neroniano. Sua principal obra, fundamental para a literatura latina do século I d.C., foi a *Pharsalia*. Qual é o momento da escrita de Lucano? No que tange à divisão da literatura latina, Lucano estaria na fase conhecida como "Idade de Prata", tendo nascido cem anos depois de Virgílio. Enquanto o poeta de Mântua cantou os mitos de heróis e semideuses, o poeta cordobês cantava a guerra entre os mortais, pois não falava mais de deuses, mas de homens. A epopeia é uma narrativa de heróis que se perdem no tempo. Lucano faz uma epopeia que foge a essa estrutura. Assim, mudou a perspectiva desta e isso é uma representação histórica bastante importante.[10]

Lucano é visto como um autor muito exagerado que usava máximas e frases de efeito o tempo todo ao longo do texto. Há pelo menos duas vertentes de análise da obra lucaniana: de um lado, o autor aparece como participante de uma espécie de cruzada política-literária, chamado de "o maior representante da literatura de combate"; de outro, um autor com graves falhas de construção, resultado de suas paixões políticas. "Se levantou contra César (...) o seu herói é o suicida Catão, o seu partido é o republicano. A *Pharsalia* é um poderoso sermão

[10] Conforme CARVALHO, Aécio F. de. A Farsália de Lucano: importância na evolução do epos. In: *Acta Scientiarum*, Maringá, 23(1):93-101, 2001.

político, a favor de uma causa já vencida, abandonada pelos deuses, mas por isso mesmo mantida pelo espírito do novo Catão".[11]

Nos três primeiros livros da *Pharsalia* mostra-se um partidário do principado, nos sete últimos defende ardorosamente o velho espírito republicano, personificado em Catão. Ao romper com Nero, e não podendo atacá-lo diretamente, descarrega todo seu ódio sobre a pessoa de César, que ele descreve como ambicioso, egoísta, hipócrita e cruel. Lucano chamará a atenção para as atrocidades da guerra civil. Seus questionamentos filosóficos aparecem no verso 140 do livro I quando defende a liberdade de um povo oprimido pela tirania. Referência semelhante também aparece no Livro VI, verso 790, citando Catão, o velho, inimigo de Cartago e seu neto, Catão, o jovem, que não estava disposto a ser escravo. [12]

No Canto II ou Livro Segundo, no verso 240, Lucano faz uma forte exortação de Catão, o jovem. Homem virtuoso e defensor das virtudes republicanas, afirma: "Da virtude, que todos, faz tempo, deixaram, só tu és garantia, e isso nem os giros da Sorte furtar-te-ão, minha alma vai sem rumo, conduz-me e fortalece com tuas certezas".[13]

Ao trazer a resposta de Catão, o jovem, a Brutus no verso 290 Lucano apresenta-nos a um Catão estoico por excelência, além da justificação do suicídio de Catão como algo grandioso e até necessário. No verso 375 do segundo livro, Lucano destacou as atitudes castas de Catão durante suas núpcias com Márcia:

> O severo Catão, resoluto, assim vivia e agia, esta é a sua moral: Guardar o meio termo, sempre impor limites, seguir a natureza, à pátria dar a vida, e crer que existe não para si, mas para o mundo. A Catão um banquete era matar a fome; grandioso lar, um teto para fugir do frio, roupa estupenda, a toga Quirinal, única utilidade do venerio enlace, procriação; à Urbe era um pai e um marido, defensor da justiça e da honra inflexível, afeito ao bem comum. Em ato algum Catão falhou, avesso a toda espécie de egoísmo[14]

No que tange às suas vinculações ao poder vemos um autor, no canto I entre os versos 33 e 66 de sua *Pharsalia*, que exaltou e elogiou o advento do governo neroniano. Dadas as circunstâncias, podemos entender e levar aquele elogio muito a sério. Lucano pôde, na generosidade do seu idealismo de jovem, antes do rompimento com o imperador ter visto em Nero características extraordinárias, capazes de motivarem o elogio.[15] Isso não seria nada

11 CARPEAUX, Otto M. *História da Literatura Ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1959, p. 131/2.
12 LUCANO, M. Anneu. *Farsalia*. Introducción, Traducción y notas de Antonio Helgado Redondo. Madrid: Editorial Gredos, 1984.
13 LUCANO, op. Cit. p. 34.
14 LUCANO, op. Cit, p. 78.
15 LUCANO, M. Anneu. *Farsalia*. Introducción, Traducción y notas de Antonio Helgado Redondo. Madrid: Editorial Gredos, 1984, p. 102.

estranho, ainda mais se lembrarmos que os historiadores se referem a um período - o *quinquennium Neronis* – no qual o imperador foi capaz de colocar a ambição a serviço do bem público, sendo possível à história destacar, nesse período, medidas de grande senso administrativo[16].

Ao final, quando condenado pelo despotismo neroniano, Lucano, tendo que cometer o suicídio, encarnou a liberdade perdida dos tempos ancestrais da *Res publica* romana, personificado em Catão, o jovem.

Pérsio – 34 – 62 d. C.

Pérsio (*Aulus Persius Flaccus*) foi cavaleiro romano, nascido em 4 de dezembro de 34 em Volterna, antiga cidade etrusca. Morreu em 24 de novembro de 62, vítima de uma doença do estômago. Pérsio, em suas sátiras, atacava o mau gosto dos homens, inclusive os das letras, a sordidez da população, o orgulho dos nobres e para muitos, a postura despótica do *princeps.* Suas sátiras aparecem como verdadeiros sermões; também contém anedotas, referências mitológicas, máximas e em muitos momentos, cartas dirigidas a pessoas conhecidas.

A utilização da epistolografia foi um recurso amplamente utilizado por autores romanos, como uma maneira de dialogar com o leitor ou com um interlocutor que poderia ser, inclusive, imaginário. A literatura define-a como *suasoriae* onde o autor imagina que alguma das suas afirmações é objetada por alguém, objeção essa que lhe dará oportunidade para retomar a sua ideia inicial, comprová-la com novos argumentos ou ilustrá-la com nova exemplificação. Abundam nesse tipo de textos expressões como *dicunt* (dizem alguns), *dicis* ou *dices* (dizes ou dirás tu). Também se constata a intenção de atingir um *tu* mais direto e objetivo nesse tipo de recurso de escrita.

Graças a Cornuto[17], Pérsio pode se relacionar com distintos membros daquele grupo de estoicos que enfrentaram no final da vida o despotismo de Nero e conservaram viva a chama da doutrina de Crisipo e Creantes. Na mesma escola de Cornuto, Pérsio teve como colega Lucano, cinco anos mais jovem que Pérsio; um admirava o trabalho do outro.

Suas sátiras, inspiradas em uma longa tradição foram, para muitos, direcionadas contra Nero. Seus biógrafos confirmam um conhecido episódio, segundo o qual no verso 121 a sátira

16 Para um aprofundamento de Lucano, ver VIEIRA, Brunno V.G. Farsália DE Lucano– Cantos de I a V, introdução, tradução e notas. São Paulo: Editora Unicamp, 2011.

17 *Lucius Annaeus Cornutus.* Foi um escravo liberto de Sêneca. Abriu uma escola filosófica estoica, sendo Pérsio e Lucano alunos da referida escola.

dizia: "o rei tem orelhas de asno".[18] Cornuto, temendo que o imperador interpretasse a frase como uma alusão direta a ele, convenceu o satírico a mudar a frase para: "quem não tem orelhas de asno"?[19] Apesar do esforço de Cornuto, a interpretação corrente era a de que todos sabiam que os versos eram direcionados a Nero. Em 65, ordenado por Nero, Cornuto fora mandado para um forçado exílio, juntamente com seu colega, o também estoico Musonio Rufo.

Como exemplo trazemos referências da sátira III (de um total de seis) que o poeta dirigiu contra todos aqueles que se descuidaram dos estudos da filosofia e cederam seu tempo e suas forças ao ócio, a indolência, principalmente os jovens. O poeta descreve os ardis de que se valia, desde a sua infância para se dedicar aos estudos. "da mesma maneira que devemos atacar o mal pela raiz com remédios adequados, assim devemos o quanto antes assimilar os estudos filosóficos para a nossa vida".[20] Viver segundo regras de conduta ética, que nos colocarão ao abrigo da ignorância. Afirma na sátira III: "Quando criança, recordo, ficava a fazer exercícios a partir dos exemplos de Catão, e principalmente pelo seu suicídio".[21]

A obra persiana é considerada tanto filosófica quanto didática, bastante convencional se consideramos que o período não cansou de detectar e constatar os excessos cometidos por Nero durante boa parte de seu principado. É imperioso constatar que com Lucano e Sêneca, principalmente, a filosofia estoica foi uma das armas de oposição aos príncipes que se utilizavam de atitudes consideradas despóticas. A presença de Pérsio aqui se deve ao fato de ser um autor que engrossará, com o passar do tempo, o grupo de estoicos que além de professar um sistema filosófico, transformar-se-á em uma espécie de bandeira de combate.

Sêneca – 01 – 65 d.C.

Sêneca (*Lucius Anneus Seneca*) natural de Córdoba, assim como seu sobrinho Lucano, nasceu por volta do ano 1 d.C. e sua morte se deu em 65 d.C. quando cometeu suicídio por ordens do imperador Nero. Escreveu muito e sobre muitos assuntos. Grande parte do conjunto de suas obras pode ser vista com uma função instrumental de educar a todos, elencando direitos e deveres, ou seja, o que era recomendável e o que não era recomendável fazer para governar e para viver em sociedade. De sua biografia e trajetória elencamos quatro momentos que consideramos relevantes: a primeira fase é da mocidade do autor, seus

18 PERSE. *Satires*. Texte établi et traduit par A. Cartanet. Paris: Les Belles Lettres, 1929, p. 21.
19 PERSE, Op. Cit., p 32.
20 PERSE, op. Cit. p. 33.
21 Era prática comum das crianças e jovens fazer exercícios de eloquência. Os pais constantemente assistiam a esses exercícios, inclusive em diversos momentos convidavam os amigos para assistir.

primeiros anos em Roma e sua rápida viagem ao Egito para tratar um problema de saúde; a segunda fase significativa foi a do seu exílio na Córsega por ordens do imperador Cláudio e que marcou profundamente seus escritos; a terceira, o período em que atuou como preceptor e conselheiro de Nero, quando escreveu textos importantes; a quarta e última fase, a da sua velhice, já afastado do poder, momento em que aparece um dos seus escritos mais significativos: *Ad Lucilium epistulae morales*.[22]

A defesa de uma vida dedicada aos estudos e presente nos textos redigidos na velhice explica sua posição e suas escolhas. Apesar de seu reconhecimento, Sêneca colheu muitas frustrações ao longo de sua trajetória política e pessoal. Foi exilado no ápice da sua vida e quando despontava como político e escritor em Roma. Tomou praticamente as rédeas do poder e viu suas pretensões de um governo de feição estoica desandar ao longo da administração de Nero.

As referências a figura de Catão, o jovem no conjunto das obras senequianas são uma constante. É o autor mais citado no *De Providentia,* no *De Constantia Sapientis,* na *Ad Marciam De consolatione* e no *De tranquilitate animi.* Neste, os exemplos de vários nomes que são um exemplo a ser seguido: "Sócrates, Pompeu, Cícero e Catão... todos esses encontram a custo de um lapso insignificante de tempo, o modo pelo qual se fizessem eternos, e morrendo, alcançaram a imortalidade"[23]. No *De vita beata* Catão, o jovem, surge como um exemplo de homem de discernimento e a personificação do sábio. Nesse caso, vale a pena acentuarmos a preocupação senequiana da relação política entre a aristocracia senatorial e o *princeps*, bem como a função daqueles aristocratas como homens sábios atuantes na vida pública romana.

O maior número de referências a Catão, o jovem – 45 no total – aparecem na última obra do filósofo cordobês, as Epístolas Morais já citadas neste texto. Dessas referências destacamos aquela na qual exaltou-se a dignidade com que Catão, o jovem, enfrentou a "bela morte" que transformou-o em um autêntico herói.[24] Na epístola 24 Sêneca afirma: "Desembainhando a espada exclamou: Não combati até hoje pela minha própria liberdade, mas pela da pátria; todo o meu esforço tendeu, não a viver livre, mas a viver entre homens

22 SENECA, Lucius Anneus. *Ad Lucilium epistulae morales*. Transl. Richard Gummere. London: Harvard University Press, 1989.

23 SENECA. *Tratados Morales*. Introducción, versión española y notas por José M. Gallegos Rocafull. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1944, p.78.

24 Na epístola 13, a morte de Catão é um exemplo de glória.

livres. E agora que já não há esperança para o gênero humano, Catão irá acolher-se a um lugar seguro".[25]

Na epístola 95, a carta mais longa do conjunto das Epístolas, na morte de Catão, é a própria liberdade que exalou o seu último suspiro. Diz-nos Sêneca:

> Será útil não nos limitarmos a ver quais os traços, as características gerais que habitualmente identificam os homens de bem, mas antes expor em pormenor como eles de fato agiram: referir, por exemplo, a ferida mortal que Catão, como decisivo ato de coragem, infligiu a si mesmo, ferida por onde a liberdade republicana exalou o último suspiro[26].

Afirma o filósofo cordobês em trecho da epístola 104:

> toda a existência de Catão decorreu ou no meio da agitação social armada ou quando já estava em gestação a guerra civil declarada. Também de Catão se pode dizer, como de Sócrates, que se eximiu pela morte à servidão. (...) enquanto uns tomavam o partido de César e outros o de Pompeu, Catão foi o único que abraço o partido da república. [27]

O modelo de sociedade que Sêneca almejava apresentar deveria ser buscado na história, romana prioritariamente, e no exemplo de homens considerados ilustres e, portanto, modelares. Podemos dizer que Sêneca sempre permaneceu coerente, ao longo dos seus escritos e da sua vida, aos valores políticos por ele defendidos e que reforçavam a defesa da liberdade pública como um ideal a ser mantido no principado.

Possibilidades de Leituras e Considerações Finais

A partir de agora, apontaremos algumas possibilidades de interpretação dos propósitos dos autores aqui analisados fazendo referência aos Catões. Uma primeira constatação: convém lembrarmos as reflexões feitas por Norberto Luiz Guarinello sobre aquilo que a historiografia chamou de círculo dos estoicos na época do principado romano.[28]

---

25 SENECA, Op, cit., p. 67. Na epistola 67, outro exemplo de "bela morte", quando Sêneca elenca o nome de importantes homens que morreram e se tornaram exemplos: Catão, Rutílio, Sócrates e Régulo. Nas epístolas 70, 82 e 104, Catão é o exemplo de homem que enfrenta a morte sem covardia, com virtude.

26 SENECA, Op. Cit., p. 345. Nesta mesma carta ainda há referências a Catão, o antigo, com seus feitos de cunho tanto público quanto privado. Na carta 97, Sêneca afirma que todas as épocas produzem homens maus, mas nem todas as épocas podem produzir seus Catões. Na carta 104, os dois Catões podem te ensinar a morrer quando a necessidade se impuser.

27 SENECA. Op. Cit., p. 389. Sêneca, na mesma carta cita Catão também para justificar um tempo em que Roma era mais digna – olhar voltado para a República. Nos diz: "gloriosos tempos em que um homem se contentava com apenas um cavalo".

28 Para tanto ver: GUARINELLO, Norberto Luiz. Nero, o estoicismo e a historiografia romana. In: *Boletim do CPA*. Campinas, n. 1, 1996.

Trata-se de autores que procuraram construir uma estreita relação entre os preceitos da filosofia estoica e a administração do principado romano.

A partir de uma primeira aproximação com os textos, percebemos que os autores procuravam evidenciar mais o caráter pessoal e individual da ética estoica. Como diz Guarinello, tratava-se de uma ética centrada no "autocontrole de si" e para a qual a questão da liberdade se resolve individualmente, pelo caminho do suicídio, inclusive, se as circunstâncias se fizessem necessárias. Defende-se um rígido controle das paixões, aquilo que os gregos chamavam de *sofrosine*, ao mesmo tempo em que havia uma confiança absoluta na providência divina e no reconhecimento inelutável do destino.

No entanto, como afirma Guarinello:

> Essa imagem, verdadeira em linhas gerais, não deve, contudo, fazer-nos esquecer que o estoicismo romano, possuía também uma forte dimensão política, estreitamente vinculada à sua adoção por parte significativa da elite política romana desde o final da República. No seio desta elite, o estoicismo atuava como fonte de uma ética ao mesmo tempo pessoal e coletiva, que dava sentido à sua participação na vida pública e permitia unificar, no universo de suas relações, sua vida privada com sua existência pública.[29]

Os estoicos defendiam o ideal de um principado cuidadoso das liberdades públicas. No final da vida principalmente, Lucano, Sêneca e Pérsio, formavam o que podemos definir como uma espécie de estoicismo anti-neroniano. Segundo Paratore: "a própria poesia volta a ser instrumento de luta e, muitas vezes, os seus criadores mergulham na ação e desejam ardentemente a bela morte, no clima inflamado pelas suas paixões e pelo gosto teatral e barroco da época".[30].

Os nossos autores almejavam, e nos propósitos deste texto, a partir das atitudes e do exemplo dos dois Catões, dirigirem-se à consciência moral de cada habitante do império, pois reconheciam a existência das redes clientelares e suas vicissitudes e estavam cientes de algumas desigualdades presentes na Roma de seu tempo.

A constatação de que a condição moral das pessoas se mostrava quase sempre extremamente complexa e bastante ambígua, essa filosofia, que poderia ser considerada como "guardiã" de valores ideais e nobres, carregava a possibilidade de ser um depositário de virtudes para se aplicar, quando houvesse necessidade, ao universo político romano. A filosofia do estoicismo defendia claramente a participação dos seus iniciados na vida pública e, portanto, política da cidade.

---

29 GUARINELLO, op. Cit., p. 54.

30 PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, p. 547.

Essa participação ativa e positiva, contudo, aparece ocultada pelas fortes distorções operadas, a partir da morte de Nero, na memória sobre os eventos de seu breve governo. Para os historiadores posteriores, Nero passou a representar o exemplo, por excelência, do tirano, do mau príncipe, lascivo, cruel, ambicioso, escravo do medo e da paixão. A memória sobre seu reinado e mesmo nosso acesso à realidade, eventos e expectativas deste período são determinados, em larga medida, pelo relato contido nos textos produzidos *a posteriori*. Houve, sim, um projeto que envolveu um grupo de estoicos, em particular o ativo grupo de senadores liderados por Thrasea Paetus.[31]

Uma segunda possibilidade de leitura que apresentamos está relacionada a utilização de Catão para um grande objetivo de uma literatura voltada as questões da educação romana preocupada pela construção do modelo almejado de homem romano ideal, um Catão exemplificado nas suas ações públicas e um Catão como exemplo a ser seguido nas escolhas da vida privada. Esta função pedagógica também está grandemente atrelada a um recurso retórico e estilístico presente na literatura clássica através dos *exempla* e da *Historia Magistra Vitae.* Ao longo dos textos, vemos desfilar inúmeros personagens, uns mais, outros menos conhecidos, mas a quase totalidade deles cumpre um papel, o de servir como exemplo ou como um contraexemplo para aquilo que os autores desejam demonstrar aos seus potenciais leitores. Tais exemplos fixam-se na memória por meio da repetição de eventos ou pela (re) memoração destes eventos e das personagens (novamente lembramo-nos do exemplo de Catão) trazidas à memória da sociedade do período em que os referidos pensadores se encontravam inseridos. Há, nas reflexões dos autores, inúmeros exemplos de ações, de acontecimentos e de personagens de épocas anteriores que podem e, para o autor, devem ser aprendidos e praticados (ou rejeitados) na vida pública e privada. Objetivava mostrar às pessoas que homens considerados especiais poderiam ter condições de instruir outros homens e outras épocas através do exemplo dos seus pensamentos e das suas ações.[32]

O principado é considerado como uma resposta para os problemas decorrentes das crises e guerras civis do final do período republicano.[33] Apesar de todo o esforço de Otávio Augusto para garantir uma legitimidade jurídica e administrativa, havia campos e espaços em que esta legitimidade não alcançava o efeito desejado. São aspectos que passavam pela esfera da ética e da moral e neste sentido, a intervenção destes autores na "alma" e no "coração" dos

31 Ver GUARINELLO, op. Cit.

32 Sêneca na epístola 25 afirma: "quando já tiveres progredido a ponto de um grande respeito por ti mesmo, só então terás condições de dispensar um pedagogo. Até que isso aconteça, refugia-te na proteção de umas dessas autoridades: Catão, Cipião, Lélio".

33 BRAVO, G. *Poder político y desarollo social en la Roma Antigua*. Madri: Taurus, 1980.

homens, mostrava-se bastante satisfatório. Segundo Pierre Grimal, "se for possível infletir o curso das coisas, isso pode ser feito tão bem ou melhor, agindo-se sobre os espíritos, fazendo-os sentir a verdade, do que se coagindo o corpo pela violência e pela guerra, como, até então, a política se limitara a fazer".[34] A relação entre *princeps* e súditos era um dos cimentos do império. Perseguir e atingir o ideal ciceroniano de "afeto dos súditos" poderia ser alcançado com o exemplo catoniano. Convém lembrar que no contexto greco-romano, o termo "político" tem um significado mais amplo, pois significava desempenhar, além das questões políticas, todas as obrigações de um cidadão como casar e ter filhos, participar da vida pública, ser virtuoso e respeitador do *mos maiorum.*

Os exemplos fornecidos pelos autores do que era correto e do errado, daquilo que denota uma vida virtuosa e de uma vida entregue aos vícios, demonstram suas inclinações para outra época. Afirma Sêneca na epístola 95: "Naquela época (antiga), os homens ainda não necessitavam de remédios fortes. A perversidade não havia atingido ainda a intensidade provada nos dias de hoje. Vícios simples necessitavam de remédios simples". [35]

Em Lucano, detectamos algo semelhante no Livro Primeiro da *Pharsalia*:

> De fato, conquistado o mundo, quando a Sorte trouxe riquezas mil, os usos bons cederam aos usos prósperos, e os bens ganhos do inimigo os luxos fomentaram, em ouro e edifícios não existia regra, e as mesas dos antigos a gula desdenhou; homens feitos trajaram vestes que a custo suas noivas usariam; aos heróis a pobreza fecunda se vai, e em todo *orbe* se busca tudo o que nações corrompe.[36]

Os autores reafirmam uma época de excessos, de mal-estar e, a partir dos textos, tentaram impedir o desmoronamento moral da sociedade romana. Para entender melhor esse aspecto, é preciso ter em mente que os primeiros séculos de desenvolvimento da civilização romana se mostravam de forma mais ou menos independente, pois inicialmente a influência grega fora pouco sentida. Em comparação com os gregos, voltados a uma educação citadina e aristocrática, percebe-se no mundo romano uma educação mais rudimentar, voltada ao âmbito rural. Jean-Noel Robert nos diz: "Para gerações de romano, Catão encarnou o homem típico incorruptível e sem fraquezas, originário do campo"[37]. Ou ainda: "Em sua origem, o

34 GRIMAL, Pierre. *Virgílio, ou o segundo nascimento de Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 32.
35 SENECA, op. Cit, p. 389.
36 LUCANO, M. Anneu. *Farsalia*. Introducción, Traducción y notas de Antonio Helgado Redondo. Madrid: Editorial Gredos, 1984, p. 22.
37 NORBERT, Jean-Noel. *Os Prazeres em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 18.

romano é um soldado e um camponês. Trabalho obstinado, frugalidade e austeridade constituíam as três principais regras de vida desses homens".[38]

Tal menção não é meramente gratuita, pois a terra adquirirá um lugar basilar na exploração econômica de Roma e da Itália como um todo. As consequências dessa escolha irão intervir em diversos aspectos da sua história, pois as questões políticas, já nos primórdios da República, são questões vinculadas à terra. Para Maria Helena da Rocha Pereira, "[...] estas tradições rústicas que, como notou Claude Nicolet, tão bem se coadunavam com a doutrina estoica, vão perseverar e, sobretudo ganhar novo alento na época de Augusto".[39]

Muitos autores greco-romanos, ao se debruçarem sobre a política e o funcionamento do principado romano, construíram um discurso decadentista, denunciando excessos cometidos por imperadores e concidadãos. Defendemos aqui uma perspectiva de renovação. Elemento que ocorria constantemente no pensamento antigo ao se destacar um determinado período tendo outro como exemplo, com a retomada de um passado tornado exemplar e reabilitador de um presente considerado decadente e inferior. A *Historia Magistra Vitae* nos ensina que os exemplos bons trazidos a tona devem ser virtuosos, de antepassados ilustres personificados em grandes homens, como Catão, por exemplo. Além disso os autores, ao citarem grandes homens, afirmavam a autoridade de suas obras, pois se apresentavam como conhecedores de um passado importante e modelar. Imitar um modelo precedente era a oportunidade de dialogar com seus pares e provar vinculações e interesses. Era ainda valorizar a memória de um grupo ou ideia considerada influente e importante. Horácio, ao se dirigir a Augusto na Epistola I (versos 125 – 131) afirma:

> ainda que sem vigor e sem coragem no trato com as armas, o poeta é útil à cidade, se tu concorda que as pequenas coisas podem ajudar as grandes. O poeta modela a boca tenra e gaguejante das crianças, ele afasta desde então suas orelhas de propósitos desonestos; mais tarde ele forma também o seu coração por preceitos amigos, o curando da indocilidade, da inveja e da cólera. Ele narra as belas canções, supre de exemplos ilustres as gerações que chegam, consola a pobreza do pesar[40]

Por fim, constatamos que na antiguidade greco-romano havia homens que encarnavam o modelo de homens sábios que colocavam seus conhecimentos a serviço da *res publica*. No contexto do principado romano, mais especificamente durante o principado neroniano, o

38 Idem, p. 23.

39 PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*. Roma. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995, p. 457.

40 SILVA, Gilvan V. da. Política, Ideologia e Arte Poética em Roma: Horácio e a criação do Principado. IN: *Politéia. Hist. e Soc*. Vitória da Conquista, v. 1, n. 1, 2001.

estoicismo apareceu como uma possibilidade pessoal e coletiva. Objetivava estreitar as relações da esfera privada e da espera pública, como vimos. Um pequeno, mas significativo grupo de pensadores ligados aos ideais republicanos, tendo como referência um homem, ou melhor, dois homens que foram considerados como os verdadeiros representantes dos valores republicanos, personificação do homem sábio e verdadeiro político: o nome de Catão.

